

**V Congresso Internacional de História – 27 a 29 de setembro de 2016 – UFG Jataí**

**Novas Epístemes e Narrativas contemporâneas**

Simpósio temático 08. Olhares contemporâneos sobre a história indígena

Coordenadores: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Iára Quelho de Castro (UFMS)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vera Lúcia Ferreira Vargas (UFMS)

**AS PESQUISAS SOBRE MISSÕES PROTESTANTES ENTRE POVOS INDÍGENAS  
NO BRASIL (1993-2015)**

ORDÁLIA CRISTINA GONÇALVES ARAÚJO<sup>1</sup>

ELIAS NAZARENO<sup>2</sup>

Resumo:

Tem-se como pressuposto, nesta comunicação, apresentar o “estado do conhecimento” das pesquisas desenvolvidas em programas de pós-graduação no país focadas na presença protestante entre os povos indígenas brasileiros. Pelo levantamento bibliográfico percebemos que a academia brasileira produziu estudos voltados para esta temática no limiar dos séculos XX e XXI. Abordaremos estes trabalhos produzidos na forma de dissertações de mestrado e teses de doutorado efetivados em programas de pós-graduação de História, Educação, Antropologia e Ciências da Religião, localizados, mormente em instituições do eixo Rio-São Paulo, mas também em regiões com presença marcante de povos indígenas, como por exemplo Dourados em Mato Grosso do Sul. Tais estudos lidam com a problemática da inserção, expansão e consolidação protestante entre os indígenas em diversas partes do território brasileiro, principalmente na primeira metade do século XX. Compulsar estes estudos acadêmicos permite dimensionar as lacunas e tendências nesta área do conhecimento, abrindo amplas possibilidades de investigações em torno da temática indígena, como a inserção protestante entre os Javaé, numa perspectiva decolonial.

---

<sup>1</sup>Doutoranda do Programa de Pós-Graduação de História da Universidade Federal de Goiás na Área de Concentração: Cultura, Fronteiras e Identidades e Linha de Pesquisa: Fronteiras, Interculturalidades e Ensino de História. Professora de Didática e Metodologia do Ensino de História na UEG.

<sup>2</sup> Professor Adjunto III da Universidade Federal de Goiás no Programa de Pós-graduação em História e no Curso de Educação Intercultural para a formação de Professores Indígenas da UFG, Vice-coordenador do Programa de Pós-graduação em História da UFG e Coordenador Institucional do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – Pibid/Diversidade/Capes da UFG.

Palavras-chave: Missões protestantes. Indígenas. Javaé.

### *Introdução*

O “estado do conhecimento”<sup>3</sup> relacionado ao tema da inserção e expansão protestante entre os povos indígenas tem como objetivo dar suporte bibliográfico à investigação em desenvolvimento sobre as tentativas de catequização protestante entre os Javaé, povo Iny da Ilha do Bananal (atualmente localizada no estado do Tocantins) na primeira metade do século XX. Inserida na região do então norte goiano, a Ilha do Bananal foi alcançada pelos colonizadores desde o século XVII, sendo denominada, na linguagem bandeirante, de *Ilha Yperaupaba e Ilha de Santa Anna*.

Localizado na região central do atual território brasileiro, o rio Araguaia (no qual se encontra a Ilha do Bananal) constitui-se num lugar de passagem de diversas expedições europeias de cunho militar e religioso que tinham por objetivo inicial encontrar jazidas de metais preciosos e apresar indígenas desde o século XVI.

Documentalmente, os primeiros contatos entre Javaé e colonizadores ocorreram no final do século XVIII no governo de José de Almeida Vasconcelos de Soveral Carvalho (1772-?), Barão de Mossâmedes e visconde da Lapa, quando os sertanistas, em excursão pela Ilha do Bananal na busca do ouro dos Martírios<sup>4</sup>, depararam com os povos indígenas Iny (Karajá e

<sup>3</sup>O “estado do conhecimento” caracteriza um levantamento bibliográfico limitado a um setor das publicações sobre o tema abordado, enquanto que o “estado da arte” diz respeito ao levantamento bibliográfico mais amplo que se faz sobre a produção de um determinado assunto em resumos de dissertações e teses, produções em congressos da área e publicações em periódicos especializados (ROMANOWSKI; ENS, 2006).

<sup>4</sup> Os Martírios são *itacoatiaras* (denominação indígena) ou inscrições rupestres (desenhos gravados nas rochas num período anterior à conquista da América), situadas no rio Araguaia entre a parte norte da Ilha do Bananal e a sua foz no Tocantins, local de mesmo nome atualmente. Foi descrito por Tomaz de Souza Vila Real (1973), Cunha Matos (1824), Francis Castelnau (1844), Teotônio Rufino Segurado (1847). Seus desenhos foram copiados por Ehrenreich (1888). Tais *itacoatiaras* recebeu a denominação de Martírios pelos primeiros sertanistas oriundos de São Paulo (Antônio de Macedo – 1590-1593 ou Domingos Rodrigues – 1596-1600), os quais, imbuídos da religiosidade cristã, imaginaram estar diante de representações vinculadas ao sofrimento de Cristo. Mais de um século e meio depois, em 1722, os Martírios adquiriram status de mito em virtude do esquecimento do termo Paraupava (usado pelos paulistas) como indicativo de rio Araguaia (usado no Pará em meados do século XVII). Assim, a partir do século XVIII, os paulistas embrenhavam-se pelo interior do país em busca do rio Paraupava tendo como referência os desenhos nas rochas, interpretados misticamente. Esses desenhos constituíam-se em referência para o local onde encontrariam ouro. Sem a mudança das respectivas denominações nos roteiros paulistas, os Martírios dificilmente seriam encontrados, ainda que de fato existissem (FERREIRA, 1960).

Javaé)<sup>5</sup>. Um momento que ficou registrado na Carta que o alferes José Pinto da Fonseca enviou ao então governador da Capitania de Goiás, José de Almeida, em 1775, sendo bastante referenciada na historiografia regional (ALENCASTRE, 1979; CHAIM, 1983; TORAL, 1996; APOLINÁRIO, 2006; DIAS, 2013, PIN, 2014).

Desde então os Javaé tiveram sua trajetória transformada pelos contatos com a sociedade não-indígena sendo colocados, pelos colonizadores, numa posição de inferioridade (diferentes, infantilizados e incivilizados), carentes, portanto, do auxílio do colonizador para inserção no mundo dos brancos. Em 1775 foram aldeados em Nova Beira. Após o fim de seu governo em 1778 e conseqüente retorno para Portugal, José de Almeida Vasconcelos, defensor da política pombalina, levou consigo cinco indígenas representantes dos povos Akroá, Xacriabá, Karajá, Kaiapó, e também Javaé<sup>6</sup>. Sua intenção constituía-se em “educar, nas escolas e/ou seminários portugueses algumas lideranças indígenas para, posteriormente, enviá-los aos aldeamentos objetivando que colaborassem no processo de ‘civilização’ dos indígenas aldeados” (APOLINÁRIO, 2006, p. 213).

Em 1780, no governo de Luis da Cunha Menezes, os Javaé de Nova Beira foram transferidos para o aldeamento de São José de Mossâmedes com a finalidade de aumentar a população do mesmo. Surtos de sarampo seguidos de mortes, transferências, maus tratos, falta de subsídios oficiais para manutenção dos aldeamentos desembocaram em seu declínio. Os indígenas sobreviventes foram transferidos para Salinas em 1788 ou retornaram para suas aldeias no início do século XIX.

Circunstâncias devastadoras como estas produziram nos Javaé um receio de contatar os não-indígenas no decorrer do século XIX, levando-os a assumir uma postura eminentemente isolacionista ao buscar refúgio no interior da Ilha do Bananal. Porém já no final deste mesmo século vários agentes sociais começaram a visitar as aldeias Javaé (representantes do governo provincial, do bispo de Goiás, do etnólogo Fritz Krause, de comerciantes e moradores do Alto

---

<sup>5</sup> Fonseca, José Pinto da. 1846. Cópia da carta que o alferes José Pinto da Fonseca escreveu ao Exmo. General de Goyazes, dando-lhe conta do descobrimento de duas nações de índios, dirigida do sitio onde portou. Revista Trimensal de História e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo VIII, p. 376-390. Rio de Janeiro. [2ª. edição, 1867].

<sup>6</sup> Ofício do [barão de Mossâmedes], ex-governador e capitão-general de Goiás, José Almeida de Vasconcelos [de Soveral e Carvalho], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, 1778, Dezembro, 20, Lisboa AHU\_CU\_008, Cx. 30, D. 1957.

Araguaia), resultando, em 1950, na saída destes do interior da ilha para estabelecer contatos com os regionais (TORAL, 1996, p. 54-55).

Pinçar rapidamente aspectos da história dos contatos Javaé com os não-indígenas justifica-se pelo objetivo mais amplo da investigação ora em pauta, já mencionado anteriormente. Neste breve texto, nossa intenção é inventariar e analisar o estado atual das investigações efetivadas no Brasil nas últimas décadas em relação à presença missionária protestante em terras indígenas. Um levantamento feito prioritariamente a partir de dissertações e teses disponibilizadas em bancos de dados online de diversos programas de pós-graduação do país, constituindo, desta maneira, um “estado do conhecimento” voltado para os estudos em torno deste tema.

*Levantamento bibliográfico: contribuições, lacunas e tendências*

A busca por investigações deste cunho se deu a partir da necessidade de conhecer o que se tem produzido no país sobre a temática em questão nas diversas áreas do conhecimento como subsídio para nossa investigação sobre os Javaé, não nos limitando a inventariar apenas as pesquisas de cunho historiográfico. Fato que nos permitiu obter uma perspectiva mais abrangente visto que a entrada de missionários protestantes em terras indígenas é um tema problematizado mais recorrentemente pela Antropologia, e, também, por áreas do conhecimento como a Educação e as Ciências da Religião.

O levantamento investigativo nos possibilitou visualizar, por um lado, as especificidades contextuais, teóricas e metodológicas em cada situação abordada, e, por outro, perceber as similaridades evidenciadas no processo de catequização. Imbuído de um discurso e de uma prática pretensamente universal, as diferenciações nestes processos, grosso modo, estaria na maneira como tais discursos e práticas foram assimilados, rejeitados ou adaptados pelos povos indígenas à cosmovisão que lhes é peculiar.

Compulsamos, ao todo, onze trabalhos sendo um artigo, seis dissertações, duas teses e dois livros publicados, conforme podemos observar na Tabela 1.

Tabela 1 – Pesquisas acadêmicas sobre o protestantismo entre povos indígenas no Brasil

<b>Título</b>	<b>Autor (a)/ Orientador(a)</b>	<b>Tipo/Ano</b>	<b>Programa</b>
---------------	-------------------------------------	-----------------	-----------------

<b>Os Taurepáng: memória e profetismo no século XX</b>	Geraldo Luciano Andrello/ Vanessa Lea	Dissertação 1993	Antropologia (UNICAMP)
<b>Os Palikur e o cristianismo</b>	Artionka Manuela Góes Capiberibe Robim Michel Wright Co-orientação: Luz B. Vidal	Dissertação 2001	Antropologia Social (UNICAMP)
<b>Índios missionários: culto protestantes entre os Xicrin do Bacajá.</b>	Clarice Cohn	Artigo 2001	Campos Revista de Antropologia Social (UFPR)
<b>UNIEDAS: o símbolo da apropriação do protestantismo norte-americano pelos Terena (1972-1993).</b>	Noemia dos Santos Pereira Moura Oswaldo Zorzato	Dissertação 2001	História (UFMS)
<b>Os missionários metodistas na região de Dourados e a educação indígena na missão evangélica Caiuá (1928-1944).</b>	Raquel Alves de Carvalho Elias Boaventura	Dissertação 2004	Educação (UNIMEP)
<b>O indígena e a mensagem do segundo advento: missionários adventistas e povos indígenas na primeira metade do século XX.</b>	Ubirajara de Farias Prestes Filho Nanci Leonzo	Tese 2006	História Social (USP)
<b>O processo de terenização do cristianismo na terra indígena Taunay/Ipegue no século XX</b>	Noêmia dos Santos Pereira Moura Robin Michel Wright Co-orientador: Oswaldo Zorzato	Tese 2009	Ciências Sociais (UNICAMP)
<b>Até aos confins da terra: o movimento ecumênico protestante no Brasil e a evangelização dos povos indígenas</b>	Carlos Barros Gonçalves Cândida Graciela Chamorro Argüello	Livro 2011 (Dissertação/2009)	Editora UFGD História
<b>Tapeporã – caminho bom: análise da prática missionária de Scilla Franco entre os</b>	Eber Borges da Costa Geoval Jacinto Silva	Dissertação 2011	Ciências da Religião (UMESP)

<b>índios kaiowá e terena no Mato Grosso do Sul - 1972 a 1979.</b>			
<b>O carcará e Cristo: transformação Kadiwéu</b>	Erik Petscheliés John Manuel Monteiro	Dissertação 2013	Antropologia Social (UNICAMP)
<b>Protestantismo à moda Terena.</b>	Graziele Acçolini Silvia Maria S de Carvalho	Livro 2015 (Tese/2004)	Editora UFGD (Dourados-MS) Sociologia (UNESP)

Fonte: Tabela elaborada com dados retirados do artigo, dissertações e teses pesquisados.

Observamos, pelos dados sistematizados, que o tema da presença protestante entre os povos indígenas brasileiros permeou predominantemente entre os programas de pós-graduação de cunho antropológico na região sudeste, sob a coordenação de pesquisadores que apresentam uma vasta trajetória de pesquisas sobre a história indígena. De menor monta, mas igualmente fundamental surgem pesquisas de teor historiográfico, desenvolvidas sob os auspícios dos programas de pós-graduação em História, Educação e Ciências Sociais. Desta forma, o tema em destaque fornece, em cada um destes trabalhos, uma determinada dimensão analítica assumida pelos autores ao longo de suas pesquisas em virtude dos objetivos propostos, dos problemas investigativos elaborados, da opção teórica e metodológica assumida e das fontes arroladas no intuito de trazer à lume considerações que auxiliem na compreensão dos processos de resistência, apropriação, readaptação do discurso e da prática protestantes pelos indígenas brasileiros.

Em termos cronológicos, os trabalhos são relativamente recentes, percorrendo o período de 1993 a 2015, numa trajetória de pouco mais de duas décadas, possivelmente em virtude do crescimento numérico das instituições protestantes no país e, conseqüentemente, entre os povos indígenas na atualidade. Um dado da história recente do Brasil que influi no olhar investigativo do pesquisador quando este perscruta períodos anteriores da história das missões e dos próprios povos indígenas visando a compreensão do processo de entrada, influência e consolidação dos agentes e das agências protestantes em terras indígenas. Visivelmente, muitos trabalhos estão inseridos numa perspectiva histórica de longa duração, por se tratar de pesquisas pautadas pela originalidade temática, sendo necessário uma busca da gênese do processo em análise por meio de um levantamento de fontes ainda não compulsadas e analisadas academicamente.

As pesquisas elucidam dados da experiência protestantes entre os seguintes povos indígenas brasileiros:

- Taurepang, povo de filiação linguística Karib, situados no norte de Roraima (ANDRELLO, 1993; PRESTES FILHO, 2006). Os estudos visam analisar os motivos dos deslocamentos do Taurepang do lado brasileiro para o território venezuelano e historicizar a presença de movimentos proféticos entre este povo.
- Xicrin do Bacajá, povo do sub-grupo Kayapó estabelecido no sudoeste do Pará (COHN, 2001). Relaciona educação indígena e alfabetização efetivada por missionários protestantes instalados entre os Xicrin desde o final da década de 1930.
- Ñandéva e Kaiowá do então sul do Mato Grosso (CARVALHO, 2004; GONÇALVES, 2011; COSTA, 2011) correspondendo ao período do final de 1920 até a primeira metade dos anos 1940. O foco destas dissertações abrange a história do metodismo no Brasil e sua contribuição para o movimento ecumênico (nacional e internacional) que desembocou na a instituição da Missão Evangélica Caiuá em 1928 na cidade de São Paulo pelos esforços conjuntos de igrejas protestantes (Igreja Presbiteriana do Brasil, Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e Igreja Metodista) e uma agência missionária estadunidense (*East Brazil Mission*), sendo instalada no então sul do Mato Grosso em 1929 com vigência até 1946.
- Palikur, povo de filiação linguística da família Arawak, localizados às margens do rio Urukauá, na Terra Indígena do Uaçá, extremo norte do Amapá (CAPIBERIBE, 2001). A análise abrange contextualmente a segunda metade do século XX ao investigar a inserção do protestantismo pentecostal entre os Palikur.
- Terena, povo remanescente dos Guaná/Chané, subgrupo da família linguística Aruak, localizados à margem oriental do rio Paraguai, no pantanal sul-mato-grossense (MOURA, 2001; 2009; ACCOLLINI, 2015). Os trabalhos giram em torno do processo de “terenização” ou “indigenização” do cristianismo, concebido como um processo de apropriação do protestantismo estadunidense pelos Terena, com o qual teriam convivido desde 1913 até 1972.
- Kadiweu, povo de língua Guaikuru do Mato Grosso do Sul (PETSCHLIES, 2013).

- Karajá, povo Iny situados na margem do rio Araguaia (PRESTES FILHO, 2006). Analisa a trajetória da missão adventista entre os Karajá entre 1927 e 1934.

Elencar estes trabalhos para a composição do “estado do conhecimento” da inserção protestante entre os povos indígenas fornece uma importante dimensão das pesquisas que se tem desenvolvido no país a respeito desta temática, principalmente em relação às contribuições efetivadas à história indígena. São pesquisas pautadas por procedimentos de análise bibliográfica e de dados compulsados de fontes documentais, tanto escritas como produzidas oralmente. Além disso, temos a pesquisa de campo participativa e etnográfica, realizada junto às aldeias dos respectivos povos.

O recorte temporal predominante nos estudos é o século XX, ainda que os pesquisadores retomem os séculos anteriores (XVIII e XIX) para buscar dados que expliquem determinadas situações do período em análise. A necessidade de uma historicização de períodos mais recuados no tempo impõe ao pesquisador um percurso analítico pautado pela interdisciplinaridade. Observamos, pela análise da dissertação de Moura (2001), uma tendência que tem permeados os estudos sobre a presença protestantes entre os indígenas: a sinalização de um debate revisionista a vigorar nas ciências humanas (principalmente na História) no sentido de desconstruir o protestantismo proselitista, uma tendência que se casa com a proposta decolonial de trazer à tona a perspectiva indígena do processo de catequização protestante efetivada entre os Javaé da Ilha do Bananal na primeira metade do início do século XX.

Moura buscou no doutorado o aprofundamento das questões postas em sua dissertação de mestrado baseando-se novamente na relação dialógica entre historiografia e antropologia, posicionamento que justificou nos seguintes termos:

os “Outros” – indígenas - eram povos sem história porque viviam plenamente subjugados e “congelados no tempo”. Estavam “excluídos social e pessoalmente do ofício de participar do fazer histórico; vazios de identidade e, não raro, do próprio nome da classe de ‘gente’ de que são puros tipos ‘culturais’” (Brandão, 1984: 9). A Antropologia foi a primeira disciplina a reconhecer essas “gentes” enquanto seres ativos e atuantes. Os antropólogos saíram de seu mundo para encontrar-se com o mundo do “outro” no intuito de conviver, aprender sua língua, viver sua vida, pensar através de sua lógica e sentir como ele. O “Outro” se transformou em uma convivência e um compromisso e a nova relação estabelecida exigiu que o pesquisador participasse de sua cultura e de sua história. (cf. Moniot, 1988; Wolf, 1982).



Foi essa experiência etnográfica que serviu como despertador para os cientistas sociais” (MOURA, 2009, p. 84).

No processo de despertamento da experiência etnográfica, reconhece Moura, o pesquisador passou a refletir sobre o “Outro” mas também sobre si mesmo, da mesma forma que, enquanto observador tornou-se, igualmente, observado. Aqui denota-se uma tendência nos estudos historiográficos: a contribuição destes para as pesquisas centradas na temática indígena, a exemplo da experiência acadêmica de Moura que concretizou sua dissertação no programa de Mestrado em História implementado no ano de 1999 na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, atual UFGD, em função das demandas por estudos sobre as populações indígenas existentes na região, propiciando, daí em diante, o desenvolvimento de diversos estudos históricos sobre os indígenas, incluindo problemáticas levantadas em torno da religiosidade.

Embora seja perceptível os avanços teóricos e metodológicos nesta área do conhecimento, as lacunas existentes são reconhecidas por alguns pesquisadores, como faz Raquel Alves de Carvalho (2004). Seu estudo é pertinente para a compreensão do “engajamento civilizatório” em que a Missão Caiuá (instituída para atingir os Nandéva e Kaiowá no então sul Mato Grosso na primeira metade do século XX) estava comprometida, apresentando seus agentes, sua maneira assistencialista e protecionista de lidar com o indígena ao tentar catequizá-lo, eliminá-lo completamente de seu contexto nativo, integrá-lo à comunidade nacional e, sobretudo, cristianizá-lo.

Todavia, apesar do reconhecimento do fator intercultural entre missionários e indígenas no relacionamento entre ambos por meio de aprendizagens, tensões e conflitos, Carvalho silencia quanto às aprendizagens que os próprios missionários detiveram da cultura indígena no período de atuação entre eles. Da mesma forma que o silêncio também é evidente quando se trata de visualizar a percepção do indígena em relação a todo esse processo “civilizacional”, uma lacuna reconhecida pela própria autora em suas considerações finais,

Neste trabalho, não se pretendeu esgotar a análise da presença missionária no Sul de Mato Grosso, mas sim relatar, descrever e analisar alguns aspectos históricos e culturais desse processo. Fez-se recortes e escolhas que conduziram à análise de parte das práticas desenvolvidas pelos missionários, destacando se as atividades ligadas ao trabalho, a saúde e a educação indígena. Mas, outros olhares podem e devem ser dirigidos às relações entre missionários e índios, sobretudo numa perspectiva que amplie o marco

temporal e que permita uma compreensão mais detalhada o que esse processo representou, efetivamente, para os indivíduos que nele foram envolvidos. É fundamental que se estimule a realização de estudos e análises sobre o processo de catequese e conversão dos índios, como forma de entender como se deu a apropriação e a vivência dos valores e doutrinas cristãs no universo cultural indígena. Essas análises permitiria compreender como ocorreu o processo de transculturação, como resultado e conseqüências das diversas relações e formas de poder que se estabelece nas “zonas de contato” (CARVALHO, 2004, p. 117).

Esta mesma unilateralidade perpassa o trabalho de Carlos Barros Gonçalves (2011) e Ubirajara de Farias Prestes Filho (2006). Ambos inquiram o movimento protestante a partir das fontes oficiais das instituições que analisam, sejam os documentos produzidos no âmbito do movimento ecumênico (brasileiro e continental), sejam as narrativas escritas por missionários ou integrantes do adventismo no Brasil ou nos Estados Unidos. São trabalhos bem elaborados com consistência historiográfica e pautada pelo rigor analítico, porém, caracterizam-se pelo viés unilateral, visto que trabalha o lado institucional dos debates, intenções e realizações do plano missionário protestante no país. Predomina apenas um lado do processo dialógico e intercultural que foi estabelecido a partir do (des)encontro de culturas distintas: ocidental e indígena.

O reconhecimento de lacunas deste teor não desmerece as pesquisas, pelo contrário, aponta para os avanços que se fazem necessários no tocante às pesquisas referentes à história indígena. Neste sentido, os estudos decoloniais, aos quais nos filiamos, colocam-se como alternativa para analisar o lado parcamente trabalhado nas pesquisas referenciadas – a perspectiva indígena – pelo viés do enfoque enactivo.

O levantamento bibliográfico ora em pauta, permite ainda formar uma ampla plataforma de conhecimentos (que inclui dados históricos e empíricos, agentes sociais envolvidos e seus lugares de enunciação, povos indígenas contatados, fontes históricas produzidas e sua localização), como ponto de partida para a compreensão dos estudos decoloniais voltados para o protestantismo em sociedades indígenas. Por isto, para além das referidas lacunas, tais estudos são de suma importância, reiteramos, na composição de um quadro mais amplo do contexto que possibilitou a inserção de missões indígenas nos territórios do então estado de Goiás na primeira metade do século XX.

*Considerações finais: problematizações*

Após esse levantamento bibliográfico em torno da problemática que inclui as missões protestantes em terras indígenas, consideramos que cada pesquisa analisada volta-se para uma experiência específica, sendo que a análise de cada tese, dissertação ou artigo permite encontrar aspectos similares entre elas, possibilitando elaborar hipóteses que podem auxiliar o percurso investigativo que se pretende efetivar no decorrer do estudo sobre o protestantismo entre os Javaé. São elas:

- Ao longo da história dos contatos dos povos indígenas com os agentes coloniais, os indígenas conheceram o cristianismo em decorrência do processo cristianizador imposto aos mesmos pela Igreja Católica desde o século XVI. Convém analisar os caminhos encontrados pela Cristandade na tentativa de cristianização destes povos, focando, essencialmente, os povos existentes na região do rio Araguaia. Quando os missionários católicos chegaram a estas regiões? Como interferiram nas culturas indígenas da região? É possível pensar numa continuidade entre os projetos de catequização católica e catequização protestante, partindo do pressuposto de que os mesmos compartilhavam de ideais “civilizatórios” iguais? O que os unia? O que os distanciava? Por que os Javaé preferiam estar mais distantes dos não-índios?
- Constatamos a anuência existente entre os interesses do Serviço de Proteção aos Índios e os interesses das agências missionárias em integrar o indígena na sociedade nacional como trabalhadores. Como se dava essa conveniência entre o SPI e as missões protestantes no caso dos Javaé? Que tipo de assistencialismo cada um desses agentes exercia sobre os Javaé? Qual era a percepção dos Javaé em relação ao assistencialismo e à catequização do SPI e dos missionários?
- Evidenciamos as trocas interculturais estabelecidas nos contatos, seja do lado do missionário (caso Scilla Franco [COSTA, 2011]), seja do lado do indígena (caso dos Taurepang, Palikur e Terena [ANDRELLO, 1993; CAPIBERIBE, 2001; MOURA, 2001; 2009; ACÇOLINI, 2015]). Que tipos de relações interculturais

aconteceram entre missionários e Javaé? O que explica, na cosmologia Javaé, esse tipo de troca?

- Várias lideranças indígenas, após a adesão, foram fundamentais para a inserção do protestantismo entre alguns povos. Entre os Javaé houve esse tipo de acontecimento? Como se processou a inclusão do protestantismo entre eles? O que teria levado tais lideranças a colaborar com os missionários? Fazer frente à sociedade não-índigena?

Portanto, como se percebe, este estudo tem como base estrutural o programa de discussão do grupo decolonial que parte do enfoque enactivo ao focar a versão indígena – Javaé – dos processos de “civilização” articulados pelos missionários (católicos/protestantes).

## REFERÊNCIAS

ACÇOLINI, Grazielle. *Protestantismo à moda Terena*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.

ALENCASTRE, José Martins Pereira de. *Anais da Província de Goiás*. Editora Gráfica Ipiranga Ltda, Brasília-DF, 1979.

ANDRELLO, Geraldo L. *Os Taurepáng: memória e profetismo no século XX*. Dissertação (mestrado). Departamento de Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: SP, 1993

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. *Akroá e outros povos indígenas nas fronteiras do sertão: políticas indígenas e indigenistas no norte da capitania de Goiás – Século XVIII*. Goiânia, Kelps, 2006.

CAPIBERIBE, Artionka Manuela Góes. *Os Palikur e o cristianismo*. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: SP, 2001.

CARVALHO, Raquel Alves de. *Os missionários metodistas na região de Dourados e a educação indígena na missão evangélica Caiuá (1928-1944)*. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação – Faculdade de Ciências Humanas – Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, SP, 2004.

CHAIM, Marivone Matos. *Aldeamentos indígenas (Goiás 1749-1811)*. 2. ed. rev. São Paulo, Nobel, INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

COHN, Clarice. *Índios missionários: culto protestantes entre os Xicrin do Bacajá*. **Campos**, 1:

9-30, 2001.

COSTA, Eber Borges da. *Tapeporã – caminho bom: análise da prática missionária de scilla franco entre os índios kaiowá e terena no mato grosso do sul - 1972 a 1979*. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Faculdade de Humanidades e Direito. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2011.

DIAS, Thiago Cancellier. *Contatos e desacatos: os línguas na fronteira entre sociedade colonizadora e indígenas (1740 a 1889) – Goiás*. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 205-226, jul./dez.2013.

MOURA, Noemia dos Santos Pereira. *UNIEDAS: o símbolo da apropriação do protestantismo norte-americano pelos Terena (1972-1993)*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso, 2001.

MOURA, Noêmia dos Santos Pereira. *O processo de terenização do cristianismo na Terra Indígena Taunay/Ipegue no século XX*. Tese (Doutorado). Pós-Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, São Paulo, 2009.

PIN, André Egidio. *História do povo Javaé (Iny) e sua relação com as políticas indigenistas: da colonização ao Estado brasileiro (1775-1960)*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História - UFG. Goiânia, 2014.

PRESTES FILHO, Ubirajara de Farias. *O indígena e a mensagem do segundo advento: missionários adventistas e povos indígenas na primeira metade do século XX*. Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH, Universidade de São Paulo, 2006.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. *As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação*. *Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 6, n.19, p.37-50, set./dez. 2006.